

Notas sobre o conceito da interpretação¹

Notes on the concept of interpretation

Anna Kattrin Kemper

Como a grupoterapia de orientação analítica é de recente aplicação, (1) (2) (3) não autoriza ainda a emissão de conceitos de natureza definitiva, nem no que concerne às concepções teóricas, nem quanto ao procedimento terapêutico. A função interpretativa “*conditio sine qua non*” do processo analítico, está ao nosso ver, na grupoterapia, num estado que permite apenas concepções no sentido de “por enquanto parece que”.

Por Freud, sabemos que a interpretação tem por finalidade tornar consciente o inconsciente (4). A interpretação na grupoterapia de orientação analítica visa principalmente, devido à concepção global, em primeiro lugar, conscientizar as vivências do “aqui e agora” da situação coletiva global, tanto em relação ao terapeuta como aos componentes do grupo. A interpretação grupal possibilita especialmente a focalização das manifestações de sentimentos, ligadas remotamente a objetos de inveja, ciúme e competição, transferidas no “aqui e agora” do grupo. A interpretação sendo tanto referência como comunicação (6) (7) encontra na situação múltipla do grupo condições especiais. A interpretação deve ser considerada na psicoterapia de grupo principalmente sob o aspecto do singular válido para o plural. Em outras palavras: a interpretação com referência às manifestações de um membro necessita ser, de certo modo, válida para os outros do grupo. A interpretação pretende atingir na concepção global a mobilização e reação coletiva. Por exemplo: num grupo de quatro anos de tratamento, composto de elementos antigos e novos, ocorreu a seguinte situação: “Lea”, a líder do grupo, sofreu o primeiro impacto de sua liderança, quando “Ricardo”, rompendo a angústia de sua agressão, revida aos seus costumeiros e ferinos ataques dirigindo-lhe um palavreado do mais baixo calão. A reação de Lea foi intensa. Fechou-se em mutismo. Passou a faltar e, quando presente, ereta, altiva, imperturbável, limi-

1. 1961.

tava-se a lançar à terapeuta e ao grupo olhares que exprimiam intenso ódio. Quando Lea não comparecia, os companheiros a mencionavam com palavras desabonadoras: chata, imbecil, etc., manifestando também o desejo de que ela se desligasse completamente. Lea por sua vez, procurou a terapeuta, no final de uma das sessões, solicitando a sua transferência para um outro grupo, fazendo referências pejorativas a alguns dos companheiros, declarando não os suportar mais. Esta solicitação não foi atendida. Afora algumas facetas que lhe foram evidenciadas pela terapeuta, as interpretações vieram a uni-las em denominador comum; por exemplo: “Vocês me agridem me deixando de lado fogem da manifestação de uma raiva mortal contra mim; Lea representa essa raiva do grupo, por isso deseja escapar, como também vocês desejam se livrar dela.” A tensão aumentava e a situação prolongou-se por uns três meses. Finalmente houve uma sessão em que “Vera” e “Paulo” tomaram papel preponderante; são dois jovens depressivos de personalidades bastante semelhantes. Vera começa a fumar, o que jamais fizera até então; comunica sentir angustia intensa, não suportando mais a situação. Conta que fora impelida durante a semana a procurar Lea em sua casa. Paulo então solicita Lea, numa tentativa de trazê-la de volta à convivência grupal. De maneira imprevista, Lea explode – “não é nada disso, não tenho raiva de ninguém; eu fui atingida e ferida; tenho sofrido muito. Fico louca de vontade de falar, venho para cá me arrastando; mas algo superior às minhas forças, como uma barreira, me impede de fazê-lo. Depois disso, dirigindo-se a cada um – e excluindo a terapeuta – fala de mediocridade da participação deles. Exalta, por outro lado, a colaboração que ela, Lea, dera aos demais até então. Interpretação grupal: o grupo está dividido e vocês temem a manifestação de raiva sentida contra mim, por isso essa raiva foi encapsulada em Lea. Em parte, vocês a agridem e expulsam, em parte a procuram e se aproximam dela.

Na situação em foco, as interpretações globais possibilitam não só o início da reintegração do grupo, como também permitiu a liberação de vivências remotas ligadas ao ódio arcaico, como poderemos observar em sessões posteriores, de maneira crescente. Por exemplo, Lea, como representante de uma parte do grupo, comunicou, o seguinte: “A minha impressão é que estive gravemente enferma e que agora estou convalescendo; vejo o mundo mais suave e bonito; tolero melhor as pessoas, principalmente aquelas que me provocaram a maior raiva”.

“No meu período ‘psicótico’, sentia-me muito próxima de ‘Luiz’ e ‘Luiza’ dois jovens bastante esquizoides, (os mudos do grupo); pensava neles constantemente, desejando muito que se abrissem”. A seguir relatou um sonho no qual

apareciam um gato e uma coruja, com cores lindas e dos quais se aproximava com encantamento; estes animais já haviam aparecido anteriormente em seus sonhos, como imagens remotas de seus pais perseguidores. Aspectos da revivência arcaica do grupo foram revelados por Luiz e Luiza que falaram da grande angústia que lhes foi despertada durante o “mutismo” de Lea: esta não lhes saía do pensamento. Luiz começa a relatar uma série de sonhos, nos quais sempre ocorria o choque entre dois veículos; num deles, uma lotação passou por cima de um “volks”, transformando-o numa lâmina metálica. Em seguida relatou dois sonhos que evidenciam também como as vivências arcaicas não eram tão temidas como anteriormente no grupo.

1º Sua mãe saía do caixão; ressuscitava, a fim de pedir satisfações a Paulo; vinha ajustar contas com ele, por assim dizer.

2º A sua mãe aparecia de maneira mais estranha, toda em pedaços; tocos de braços e de tórax, de madeira; tocos de coxas, únicas porções feitas de carne. A estas últimas partes, o paciente, aconchegado, beijava e chupava com sofreguidão. A genitora assumia proporções gigantescas enquanto o paciente sentia-se minguado, diminuto.

O ódio arcaico focalizado tornou-se a função projetiva mais clara e direta nos sonhos de Luiza, como veremos a seguir:

1º Alguém do grupo atacava a senhora (a terapeuta), e eu, muito angustiada, procurava defendê-la.

2º Eu falava no grupo, mas sempre que dizia qualquer coisa, sentia que a senhora não dava a menor importância; em dado momento, comecei a quebrar tudo o que havia em sua sala.

Quanto à interpretação individual

A interpretação global é necessária e produtiva na grupoterapia; se for, porém, unilateralmente aplicada, pode limitar o processo de assimilação e elaboração, como também restringir o desenvolvimento de aspectos individuais da pessoa e conseqüentemente a sua dependência madura. Ao nosso ver, a interpretação apenas focalizada sob o ponto de vista global, fica submetida, de certa forma, a um limite de aplicação unilateral demais, no que encontramos certa concordância nas concepções de Foulkes e Anthony (8). Apesar de ser ideal, focalizar a interpretação do movimento dinâmico do grupo sob ponto de vista da “*Gestalt*”, temos que considerar que existem situações tão individuais que não permitem a interpretação grupal, pois resultam em reações coletivas.

Por exemplo: Um problema agudo de um membro do grupo diante de grave perigo, pelas possíveis reações de caráter destrutivo, exige que a função interpretativa considere em primeiro lugar a focalização individual. O fato de o grupo entrar nessas situações, tanto nas mobilizações correspondentes, como também na colaboração de caráter identificatório com o terapeuta, revela que uma focalização dirigida a um só membro, ocasiona uma reação global de caráter produtivo. Como sabemos, a maior parte dos grupos são “grupos abertos”, isto é, os participantes não iniciam ou terminam a terapia ao mesmo tempo, condição que evidencia estados psíquicos e elaborações diferentes. A interpretação global encontra certos limites devido aos diferentes estados evolutivos dos membros do grupo. Por exemplo, uma manifestação de inveja arcaica pode ser válida no estado progressivo do grupo apenas para um outro membro, mas interpretado individualmente, pode proporcionar aos demais, ocasiões de se dedicarem ao problema. A interpretação individual dirigida a um ou alguns membros do grupo pode, às vezes, estar no interesse da investigação grupal. Por exemplo: a formação de subgrupos pode estar em função da resistência coletiva; situação que tanto pode ser interpretada como fenômeno grupal (divisão), como pelo aspecto individual, focalizando apenas aqueles que negam a função integradora do grupo. A interpretação do atraso de um participante, correspondendo a uma interpretação individual, pode ocasionar reações coletivas de forma que alguns se identifiquem com o atrasado, desculpando-o, e outros pela interpretação, protestem contra a negação expressa pelo atraso. Nem sempre um membro do grupo representa parte dos outros. Por exemplo: os silenciosos e “*outsiders*” por suas manifestações típicas mobilizam prevalentemente o grupo, pois limitam a integração coletiva; para essas manifestações parece, muitas vezes, mais adequada a interpretação individual do que a de caráter grupal.

Interpretações focalizadas nas manifestações do grupo como “*Gestalt*” são especialmente válidas para o processo terapêutico, enquanto as interpretações individuais, focalizadas apenas nas manifestações de um membro que não tenha coisa alguma em comum com os outros, pode provocar dissociações do grupo. Acharmos, porém que as interpretações que não atingem de certa maneira os outros membros do grupo – isto é, não os mobilizam ou não os deixam reagir de alguma forma – parecem impossíveis na grupoterapia em que prevalece a interpretação grupal. A interpretação individual ao nosso ver é muito válida na grupoterapia quando ocasiona, de qualquer maneira, reações e correspondências grupais. Vista assim, ela se evidencia como medida terapêutica de função global.

O seguinte material clínico revela como interpretações individuais ocasionaram reações grupais intensas, que se tornaram – como se manifestou mais tarde – produtivas para a evolução do grupo.

Em grupo de formação recente no qual seus participantes ainda se encontravam na tentativa de “intimização”, procurando o “quem somos”, o material apresentado naquele momento não poderia deixar de atingir as vivências remotas e vagas de cada um dos elementos.

Ana uma jovem senhora com imensas dificuldades de contato que se escondia sob a capa de um falar altamente intelectualizado, diz que somente duas coisas a fazem chorar: “acusações injustas” e “acontecimentos supermelodramáticos”, e conta que quase desmaiara quando um professor lhe dissera que ela tinha elementos para fazer uma bela carreira, mas que não o faria por falta de humildade. Conta também pesadelos nos quais é acusada por crime ignorado que tinha que expiar. Lembra-se de uma lenda judaica, segundo a qual uma pobre alma foi obrigada a pairar entre o céu e o inferno.

A interpretação individual no sentido de que ela se sentia como a pobre menina, a pobre alma da lenda judaica que se vê condenada a pairar no vácuo sem poder pousar, fazer carreira, etc... a faz chorar e mobiliza também o grupo todo; “pobre alma” – “menina” – “menino”, passou a ser o símbolo do próprio grupo. Referindo-se nas sessões posteriores, de maneira especial, nos seguintes sonhos de diferentes participantes do grupo.

1)“O menino menor falava e vomitava uma estopa de automóvel que se ia desenrolando indefinidamente. O mais velho ajudava a puxar esta estopa e tinha impressão de que ia tirar as entranhas do outro”.

2)“Um menino magro e mirrado é trazido por uma moça que vem do além; vê-se uma moça e se pressente que é a mãe. O menino se encolhe se agarra a ela e chora. Mexe nos fios do jardim tentando escutar o telefonema da mãe. O menino começa a chorar e vomitar.

3)“Um senhor aparece e diz: “vim salvar meu filho” e a sonhadora responde: “Não há razão, ele está bem.”

Quanto a interpretação mutativa

A interpretação transferencial é um fator preponderante na grupoterapia de orientação analítica. A constelação familiar do grupo oferece intensas possibilidades para a função projetiva das condições típicas da infância. Devido à condição remobilizadora do grupo, os membros, pelas imagens projetadas

nele, assumem diversos papéis correspondentes à pré-história de cada um. Ao nosso ver esta condição pode levar, por exemplo, à projeção de irmãos odiados, à projeção de uma mãe ausente e a outras projeções. Essas revivescências podem se tornar de tal maneira intensas, que a interpretação do que se passa no “aqui e agora” sem referência ao que era vivenciado “naquele tempo”, não se mostra assimilável. Observamos, por exemplo, diversas vezes que o ódio arcaico a um irmão, transferido para um membro do grupo com igual problema, ocasionava ataques agressivos tão violentos que só com a interpretação mutativa (9) foi possível evitar agressões corporais. Nestes momentos, se não fosse interpretada a transferência arcaica no “aqui e agora”, o grupo correria o risco de entrar em pânico, o que poderia levá-lo à desintegração, (10) ou a uma forma de regressão prejudicial ao processo terapêutico. De acordo com nossa experiência, a interpretação mutativa favorece tanto a remobilização da atmosfera e da memória do sentido de caráter traumático, como facilita as correspondentes elaborações.

O fato de o processo regressivo se desenrolar na convivência grupal propicia a possibilidade de suportar as angústias acompanhantes, especialmente porque os objetos da projeção estão presentes, não só na pessoa do terapeuta, como também nas dos membros do grupo.

Temos assim, em vez de imagens e vivências de uma ameaça vaga, o “enfrentar-se” diretamente com objetos concretos, fato que facilita a revisão das projeções arcaicas. Através da interpretação do que se passa no “aqui e agora” no grupo como reflexo do “naquele tempo” se prepara e possibilita decisivamente o “*insight*”, condição principal para o processo da cura. Achamos que a aplicação da interpretação mutativa acentua na grupoterapia de modo especial o aspecto transferencial da interpretação. Como ilustração da focalização e efeito da interpretação mutativa apresentamos o seguinte material clínico.

Em um grupo, entraram dois novos elementos num intervalo de dois meses, Roberto e depois Carmem. Na primeira sessão a que Carmem comparece, ocorreu o seguinte: “Fernando, num misto de inveja e de real admiração, começa a narrar fatos da vida de “Roberto”. Em dado momento Carmem, bastante emocionada, interrompe Fernando dizendo ser de opinião totalmente diversa; retrata então Roberto à sua maneira, revelando aberta e agressivamente contra este ao mesmo tempo que, também de maneira apaixonada e ostensiva, protege e apoia Fernando, contra os ataques que, em revide, Roberto lhe fazia.

Na sessão seguinte, Carmem comunica que está abismada por verificar como o grupo a pode mobilizar; está muito ansiosa desde o início, sente Fer-

nando como seu irmão mais moço (dois anos mais jovem do que ela e caçula como aquele). Continua comunicando que sempre sentira angústia e necessidade de proteger o irmão, embora não o suporte; sente raiva por ele não fazer nada para se rebelar contra seus compromissos financeiros e sua incapacidade de dar, assim como Fernando que se esquecera de trazer o dinheiro para pagar o grupo. Acha que seus conflitos com o irmão, podem estar ligados a uma grande culpa, pois sempre se sentiu a sugadora, usurpadora, uma vez que sempre fora a queridinha da família.

A terapeuta focaliza a situação numa interpretação mutativa: “Carmem tem raiva de Fernando porque ele se permitiu não me pagar, como o seu irmão se permite não saldar os seus compromissos; odeia-o porque ele representa no grupo o seu irmão caçula sugador, usurpador que lhe tirou o lugar; mas ela aqui é a caçula e, como tal, estaria tirando o lugar de seu irmão, eliminando-o – o que provavelmente desejou fazer quando ele “nasceu”, chamou bem a atenção que, na sessão passada, Carmem agredira Roberto e defendera Fernando.

Carmem mostrando-se surpreendida “Eu agredi Roberto? Não tive a menor noção disso; para mim ele representa o irmão bom”.

Novamente numa interpretação mutativa, a terapeuta focaliza a divisão emocional feita por Carmem, em épocas remotas, em relação ao irmão caçula: “Você pode atacar a parte boa do seu irmão representado por Roberto, porque não era perigosa; mas o bebê sugador, usurpador representado por Fernando, mobilizava a sua raiva arcaica e, por isso, ele não podia ser atacado... só havia angústia e necessidade de protegê-lo”.

A repercussão imediata das interpretações mutativas dadas foi evidenciada quando Carmem, em seguida, comenta a sua incapacidade de produzir trabalhos intelectuais, embora se dê conta de ter capacidade para efetua-los. Referindo-se a esses trabalhos, tacha de incompletos, sem começo nem fim, fato, aliás, que se confunde com uma sensação interna de ser inacabada. No fim desta sessão, Roberto despede-se com raiva, não comparecendo às duas sessões seguintes.

A reação grupal em torno destas mobilizações específicas aflorou na sessão seguinte: duas componentes do grupo que se ausentaram por algumas sessões consecutivas, numa ameaça de se desligarem, voltaram; uma delas, incentivada por Fernando. Essa iniciativa fora mobilizada pela angústia da perda de um irmão (Roberto), e se evidenciou no grupo quando, pela primeira vez, Fernando comunicou que a sua atitude submissa e humilde diante de Roberto, era devida ao medo intenso da agressão. Por outro lado, ambas compo-

nentes que se afastaram, revelaram claramente ter sido a motivação do seu afastamento o uso de palavras por alguns elementos do grupo. Diferenciava-se aqui a angústia do ódio arcaico expressa pelas palavras de baixo calão e a ausência da defesa de um valor ético, que poderia ter sido a outra alternativa.

Finalmente, uma componente obsessiva, que depois de um longo período em que se manteve calada ou se manifestando apenas por fugazes e superficiais participações, rompe pela primeira vez a barreira contida pela culpa arcaica, hostilizando provocativamente uma das companheiras, pela sua atitude excessivamente dócil e conciliadora.

Quanto à interpretação aludida

Se considerarmos a interpretação mutativa como forma de interpretação que facilita a elaboração de experiências traumáticas, podemos considerar da mesma maneira a interpretação aludida (11) como meio terapêutico que facilita também a percepção e assimilação de atmosferas traumáticas da primeira infância. Sabemos que a comunicação muda encontra-se no grupo através de influências atmosféricas (aspecto sugestivo na massa), um campo de transmissão forte. A interpretação aludida manifestando-se por poucas palavras isoladas de referência simbólica a determinados acontecimentos típicos e sonhos correspondentes, focaliza principalmente sensações, imagens e vivências pré-verbais. Interpretações em frases complexas, que correspondem por sua estrutura lógica – discursiva num nível intelectual mais elevado, podem se distanciar e não alcançar, em determinadas situações do grupo, as vivências de camadas primitivas pré-lógicas e pré-verbais. Com a intenção de como se tornar possível, amplificar e aprofundar o processo terapêutico no grupo pensamos que a interpretação aludida favorece principalmente a reprodução da memória sentida. A focalização da interpretação aludida no aspecto mutativo do “aqui e agora”, diminui, segundo nossa experiência – também feita em supervisões – sobretudo a resistência contra a aceitação de interpretações transferenciais, especialmente pela sua concentração nas percepções atmosféricas do que houve naquele tempo e do que se reflete na situação atual do grupo.

Como a interpretação aludida desorienta os componentes do grupo na intensa intelectualização e deixa surgir à tona aspectos arcaicos, é evidenciado pelo seguinte material clínico, que se refere principalmente à segunda sessão de um grupo, há dois anos em funcionamento.

Quanto à interpretação de atitudes

O contato, a convivência do indivíduo com os outros, depende muito de suas atitudes. Como sabemos, a situação grupal, constituindo uma constelação familiar, provoca de maneira especial os seus membros a tomarem posições expressas pelas suas atitudes. Observamos em cada grupo reações caracterológicas específicas que se refletem em atitudes típicas. Os membros do grupo manifestam tanto em relação ao terapeuta, como aos membros entre si, determinadas atitudes. Quando se evidenciam durante algum tempo e de uma forma constante essas atitudes podem corresponder a comportamentos típicos de papéis adquiridos no grupo (1) (5). Assim, se revelam, por exemplo, o “dominador”, o “submisso”, o “conservador”, o “rebelde”, o “para-raios” e o “ingênuo”. Trata-se de formas de expressão muito específicas que se prestam à interpretação das atitudes, em virtude de suas características evidentes (12).

Por exemplo: Num grupo, um membro se dedicava aos outros com um interesse vivo e autêntico, desde que não tivesse sido atingido no seu núcleo narcísico. Quando isto acontecia, esse componente rejeitava – numa atitude infantil, fazendo-se de vítima – todas as tentativas de aproximação de caráter conciliador, inclusive as interpretações correspondentes. Em consequência disso, o terapeuta resolveu ficar em silêncio, o que influenciou o grupo a despreocupar-se daquele extremamente “teimoso”. Só assim foi possível interpretar as atitudes, tanto do grupo como as atitudes opostas do referido componente. Como pudemos observar, esse procedimento terapêutico evidenciou-se produtivo para a evolução mais equilibrada desse membro, bem como para o grupo, no qual ele foi vivenciado como uma parte importante.

Atitudes de caráter infantil e de outras formas reativas levam, por suas manifestações óbvias, à rebeldia e ao ataque do grupo; enquanto atitudes sob formas não reativas, especialmente as de caráter ingênuo, animam o grupo, contribuindo muito para a integração coletiva. Interpretações de atitudes de caráter reativo possibilitam percepções e reconhecimento de bloqueios sérios no contato e na convivência. Segundo nossa experiência, a interpretação de atitudes na grupoterapia se evidencia como um meio terapêutico especialmente assimilável. Isso demonstra de maneira especial que as atitudes maduras dos membros do grupo, manifestadas diante dos outros participantes ou diante do terapeuta, orientam decisivamente suas posições e disposições na relação objetal, dentro e fora do grupo. A interpretação de atitudes permite focalizar tanto o aspecto transferencial do “aqui e agora” da situação grupal, como também referir-se às atitudes adquiridas naquele tempo.

Quanto à interpretação do coletivo

Consideramos a “interpretação do coletivo” como função do Ego auxiliar dos componentes do grupo na participação interpretativa. Na grupoterapia através da “interpretação do coletivo” (13) se revela de maneira especial que esta pode estar em função da busca de contato. O coletivo, na sua função interpretativa, colabora com o terapeuta, mesmo quando não representa a totalidade do grupo. A dedicação aos outros pode encontrar, através da colaboração de caráter interpretativo, uma concordância grupal que favorece a integração. Quando o grupo está capacitado para a colaboração interpretativa, o terapeuta pode, com sua atitude reservada, oferecer ao coletivo oportunidade de exercer sua função auxiliar. Se os membros do grupo conseguem *insight* através de interpretação do coletivo, alcançarão fortalecimento do Ego, devido a uma concomitante identificação concreta com o terapeuta. A aproximação que os membros do grupo fazem com o terapeuta, expressa pela colaboração interpretativa, não baseada numa tendência de rivalidade, se mostra, no estado evolutivo do grupo, como uma forma de identificação madura. Exemplo:

1º No exemplo que se segue podemos observar como a função interpretativa de um componente levou o grupo a idêntica colaboração. Esse componente conseguiu no primeiro ano de sua participação um bom contato com a terapeuta, manifestando-se em seguida cada vez mais capaz de colaborar nas interpretações. Pela sua inteligência e sensibilidade fora do comum, e seu verdadeiro interesse pelos conflitos dos outros, ele concluía e interpretava quase sempre o essencial dos problemas comunicados. Esta dedicação especial desanimava os outros componentes do grupo a entrarem também na colaboração de caráter interpretativo. Verificamos tanto neste grupo como nos outros, que a identificação com o terapeuta – conseguida de maneira concreta através da interpretação do coletivo – contribui em muito para o fortalecimento do Ego grupal.

2º O seguinte material evidencia como as interpretações do coletivo rejeitadas por componente do grupo provocaram ira contra o “resistente”, que se provou produtiva para o desenvolvimento grupal. O referido membro do grupo recusava, durante meses, as correspondentes interpretações tanto da terapeuta, como dos componentes do grupo, devido à transferência de pais extremamente dominadores. Suas defesas – manifestadas especialmente através de extrema intelectualização – não abaladas pelas interpretações focalizadas no fenômeno projetivo, se desmoronaram diante do protesto enérgico dos componentes do grupo contra o seu “estar fora” (negação de contato), chegando alguns a exigirem sua exclusão. Entretanto uma parte do grupo, por identi-

ficação projetiva, temia também sua própria expulsão. As interpretações da terapeuta do que ocorria nesse momento – focalizando tanto o aspecto causal como suas consequências na função global – resultaram em colaborações interpretativas de caráter reparatório que possibilitaram pouco a pouco a integração, a convivência, do até então “resistente” no grupo.

Ambos os exemplos do material clínico revelam que a interpretação do coletivo está tanto na identificação madura com o terapeuta como na busca do contato. Acharmos que a interpretação do coletivo revela, sobretudo, um valor terapêutico no sentido de “estar com o outro” (*Mitsein*) (14) não limitado pela função interpretativa apenas do terapeuta.

Quanto a não interpretação (o silêncio do terapeuta)

O silêncio do terapeuta como comunicação não verbal pode estar na mesma função que a interpretação (15). O silêncio pode corresponder, tanto por parte dos membros do grupo, como por parte de seu terapeuta, a um “estar fora” (defesa), ou a um “estar dentro” (comunicação e emoção) (16). Devido a sua função, o terapeuta pode impressionar o grupo como se ele fosse o líder absoluto – fato que não corresponde, na grupoterapia de orientação analítica, ao alvo terapêutico. A função do terapeuta em conduzir o grupo pode ser comparada, de certa maneira, ao papel da “eminência parda”. A responsabilidade pelo movimento grupal, obriga o terapeuta não só a uma concentração do que se passa no grupo, como também a um estado de alerta para intercalar-se no momento certo. O terapeuta tem que liderar o grupo, na medida do possível, numa atividade controlada. Acreditamos assim que o silêncio para o qual ele se retira, de vez em quando pode contribuir decisivamente para que cumpra sua tarefa de maneira adequada. O silêncio do terapeuta exprimindo tanto a expectativa como qualquer outra forma de silêncio, poderá ocasionar diversas reações específicas do grupo. Sabemos que existem situações no grupo nas quais se revela a plena dependência infantil (17), no sentido de que os participantes imaginam o terapeuta onipotente, tanto pela força da palavra, como pela ação. Se o terapeuta não interpreta e fica em silêncio, leva o grupo à necessidade de tomar iniciativas. O silêncio do terapeuta, nos estados evolutivos do grupo, pode estimular reações maduras que se exprimem principalmente através da interpretação do coletivo. Exemplos:

1º) Num grupo, um participante com defesas obsessivas levanta um tema em torno de valores éticos, fazendo indagações à terapeuta sobre verdades e

reações autênticas. Nesta situação, o grupo reagiu numa atitude de dependência e expectativa de caráter infantil, esperando da terapeuta uma resposta orientadora. O silêncio da terapeuta possibilitou ao grupo orientar-se e exprimir-se de maneira crescente, devido às próprias medidas de valores. A partir daí o grupo evoluiu para maior dependência coletiva e individual. Assim, um determinado componente do grupo pôde protestar de modo não reativo a uma exigência ética formal em suas atividades profissionais. Esta reação, como sua atitude no grupo, evidenciou não se tratar de uma rebeldia de caráter infantil.

Pudemos observar que o silêncio do terapeuta quando se adapta às comunicações pode corresponder, em determinadas situações do grupo, tanto à diminuição (como no exemplo acima descrito), como à intenção das instâncias temidas.

2º) Em um grupo no qual a rivalidade estava em foco, as interpretações dos fenômenos, mesmo nas suas determinações específicas, eram repetidamente recusadas. Esta recusa às comunicações verbais da terapeuta correspondia de tal maneira a uma disposição vingativa de caráter arcaico que mesmo os componentes do grupo que tentavam ouvir as interpretações, eram superados pela violência daqueles gritando, gritando. necessitavam declarar sua “independência”.

Nestas situações do grupo, a terapeuta reagia em silêncio de um lado por autodeterminação, de outro, contratransferencialmente, por sua sensibilidade diante da violência acústica, pois, os gritos eram ouvidos até pela vizinhança. O domínio dos rebeldes que inicialmente era sustentado pelo silêncio da terapeuta, mobilizou pouco a pouco a angústia do grupo, fazendo com que alguns de seus elementos reagissem como que se sentindo perdidos e abandonados. A terapeuta, acompanhando o grupo nas suas manifestações de ambivalência e de angústia, interrompia seu silêncio quando alguns componentes acusavam os outros – os rebeldes – de não quererem ouvi-la.

Temos a impressão de que o silêncio provou ser mais produtivo para o desenvolvimento grupal, do que o seriam as constantes interpretações das correspondentes formas de resistência e submissão prevalentes na descrita situação grupal. (a)

O não interpretar, o silêncio do terapeuta, pode estimular o grupo na memória sentida da falta de contato simbólico (18), nas sensações, nas imagens de vivências de desamparo intenso, ou estimular para dependências maduras.

A consequência do silêncio da terapeuta tanto quando se manifesta no sentido de confiança própria, como na falta de “*Urvertauen*” “*basic trust*”. (19) é a

de abrir caminho para as interpretações posteriores. Na consideração de que as inter-relações humanas (*Mitmenschliche Beziehungen*) são múltiplas, sustentadas pela comunicação verbal, achamos que a interpretação nas suas várias formas e o silêncio nas suas múltiplas expressões, são produtivos na grupoterapia. O que se comunica através do silêncio – seja do grupo, seja do terapeuta – possibilita às vezes percepções que as palavras, as interpretações, não transmitem.

Palavras finais

A grupoterapia na sua multiplicidade de manifestações permite, a nosso ver, a aplicação de diversas formas de interpretação. As apresentadas no presente trabalho, pretendem adaptar-se ao movimento dinâmico e múltiplo do grupo, para evitar possíveis consequências de concepções unilaterais que podem prejudicar, por sua aplicação rígida, o dinamismo do grupo. Interpretações bem diferenciadas quanto à forma e focalização favorecem o processo terapêutico, ao passo que o trabalho interpretativo concentrado exclusivamente em pontos de vista unilaterais pode limitar o resultado curativo.

Sendo a orientação analítica na grupoterapia limitada pelo seu pouco tempo de existência, (desde 1948/49) e tendo acarretado uma mudança radical, pode-se imaginar que tanto as concepções teóricas como a técnica aplicada sejam ainda restritas. Nosso conhecimento sobre a literatura da grupoterapia de orientação analítica não nos permitiu fazer um estudo comparativo do nosso ponto de vista. Por esse motivo nossos conceitos não apresentam um caráter conclusivo. Só encontramos, por exemplo, em Foulkes e Anthony (8) referências à interpretação mutativa.

Por ser a grupoterapia analítica um grupo relativamente novo de pesquisa e aplicação, necessita, no seu interesse evolutivo, considerações que correspondam à procura do “além do usual”. Esperamos que o presente relatório contribua como incentivo para definições e concepções futuras mais amplas de interpretação na grupoterapia de orientação analítica.

Referências

1. BION, W.R. Experiences in groups – *Human Relation*, vol. 1, 3, 4. London, 1948.
2. FOULKLES, S.H. *Introduction to the group – Analytic Psychotherapy*. Grune and Stratten. New York, 1949.

3. EZRIEL, H. A Psychoanalytic approach to group treatment – *British Journal of Medical Psychology*, 1950.
4. FREUD, S. Interpretação dos sonhos – *Abriss der Psychoanalyse*, Fischer Bucherei, 1958.
5. GRINBERG, M. Langer; RODRIGUÉ, E. *Psicoterapia de grupo; su enfoque psicoanalítico*. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1957.
6. JUNG, L.G. *Wandlungen und symbole der libido* – Deutike Verlag, Leipzig, Wien, 1938.
7. BARANGER, W. El sueño como medio de comunicación – III Congreso Psicoanalítico Latino-Americano – Santiago, Chile 1960. La nocion de “material” y el aspecto temporal prospectivo de la interpretación – *Revista Uruguaya de Psicoanalysis*. Tomo IV, n. 2, 1961/62.
8. FOULKLES, S.H.; ANTHONY, E.S – *Group Psychotherapy, the Psycho-Analytic Approach*, Penguin Book, 1957.
9. STRACHHEY, I. The Nature of the Therapeutic Actions of Psicho – Analysis – *International Journal of Psychoanalysis*, vol. XV, 1934.
10. FREUD, S. *Psicologia das Massas e Análise do Ego*
11. KEMPER, A.K. L'interpretation par allusion – *Revue Française de Psychanalyse*. Tome, XXIX, 65, n. 1.
12. REICH, W. *Charakteranalyse* – Selbstverlag, 1933.
13. KEMPER, A.K. Mecanismos e avaliação da cura em psicoterapia de grupo – Relatório Oficial IV Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo. Porto Alegre, Outubro de 1964.
14. HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit* – Jahrbuch fur philosophische und phanomenologische Forschungen, Halle, 1936.
15. NACHT, S. La valeur de la relation no verbale dans le traitement psychanalytique – *Revue Française de Psychanalyse*, XXVII, n. 6
16. KEMPER, A.K. Diferentes formas do silêncio na psicoterapia de grupo – Relatório da II Jornada Brasileira de Psicoterapia de Grupo. Rio de Janeiro, setembro de 1965.
17. FAIRBAIN, W.R. *Estúdio psicoanalítico de la personalidad*. Ed. Hormé, Buenos Aires.
18. WINNICOTT, D.W. *First year of life*. The Medical Press, London, 1958. Primäre Mütterlichkeit – *Psyche*, oktober, 1960. Klett- Verlag, Stuttgart. The theory of the parent-infant relationship. *International Journal of Psychoanalysis*, XLI, 1960.
19. ERIKSON, E. “*Kindheit un Gesellschaft*” – Klett-Verlag, Stuttgart, 1961. “Wachstum und Krisen der gesunden Persönalichkeit” – *Psyche*, 1955.